

Mercado de exportação de café do Brasil: panorama e perspectivas

Entre recordes de exportação e o impacto do 'tarifaço' norte-americano, o café brasileiro enfrenta desafios imediatos e reposiciona estratégias no mercado global.

Isabela Romanha de Alcantara

Pesquisadora. Doutora em Economia Aplicada (ESALQ/USP)

Ricardo Harbs

Professor da Faculdade Pecege. Doutor em Economia Aplicada (ESALQ/USP)

O Brasil consolidou-se como o maior produtor e exportador de café do mundo (FAOSTAT, 2023), responsável por 37% da produção global¹ (USDA, 2025). Este texto analisa o desempenho recente das exportações brasileiras de café e explora as expectativas econômicas para o futuro próximo, abordando volumes, destinos, preços, fatores de impacto e a competitividade do Brasil frente a outros mercados.

1. Panorama atual das exportações de café do Brasil

O Brasil vem mantendo liderança mundial nas exportações de café, combinando grande volume e variedade de produtos exportados. Em 2024, o país embarcou 46,1 milhões de sacas de 60 kg², o que representa um aumento de 31% em relação ao ano anterior (MDIC, 2025). Esse montante equivale a cerca de 30% das exportações mundiais de café em volume (USDA, 2025). Devido ao aumento dos preços internacionais, a receita cambial dessas exportações foi ainda mais expressiva, totalizando US\$ 11,3 bilhões em 2024, o que corresponde a uma variação de 55%, quando comparado com 2023. Dentre os principais destinos, os Estados Unidos lideraram em 2024, importando 7,5

¹ Dados da safra 2024/25, para o total de café produzido (USDA, 2025).

² Café não torrado.

milhões de sacas de 60 kg (16,7% do total). Em seguida vieram Alemanha (7,34 milhões, 15,9%), Bélgica (4,4 milhões, 9,7%) e Itália (3,9 milhões, 8,4%) (MDIC, 2025). Esses quatro mercados tradicionais responderam por mais de 50% das exportações anuais.

No ano-safra 2024/25 (julho/2024 a junho/2025), o Brasil registrou receita recorde com café. Foram exportadas 42,21 milhões de sacas, gerando US\$ 13,65 bilhões, um valor 53% superior ao recorde anterior (US\$ 8,94 bilhões em 2023/24). Esse salto de receita ocorreu apesar de uma leve queda de 2,3% no volume físico em relação à safra passada, indicando o forte aumento dos preços médios de exportação, cuja média³ foi de US\$ 323,00 por saca na safra 24/25, frente ao valor de US\$ 207,00/saca da safra anterior (MDIC, 2025). De fato, condições climáticas adversas nos principais produtores globais nos últimos anos comprimiram a oferta mundial e elevaram significativamente as cotações internacionais do café. No segundo semestre de 2024, os preços dispararam com a perspectiva de menor produção no Brasil, Vietnã, Colômbia e Indonésia, atingindo patamares históricos (CECAFE, 2025). Esse cenário de preços em alta impulsionou as receitas brasileiras a níveis inéditos.

2. Contexto recente: o “tarifaço” de 50% dos EUA

No dia 6 de agosto de 2025 entrou em vigor uma tarifa adicional de 50% sobre produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos. Essa medida, apelidada de “tarifaço”, afetou uma ampla gama de exportações brasileiras, incluindo café, que ficou fora da lista de quase 700 exceções à sobretaxa. Em outras palavras, diferentemente de itens poupados (como suco de laranja, petróleo e aviões), o café brasileiro passou a enfrentar a tarifa cheia ao entrar no mercado americano. No curto prazo, a tarifaço criou uma ruptura nas relações comerciais de café entre Brasil e EUA, dado que historicamente o café brasileiro entrava praticamente isento de impostos no mercado americano.

³ Média ponderada pelo volume exportado.

3. Importância do mercado americano para o café brasileiro

Os Estados Unidos são um parceiro-chave do setor cafeeiro nacional. Entre janeiro e julho de 2025, os EUA foram o maior comprador de café brasileiro, respondendo por 15,8% das exportações do grão. Nesse período, foram embarcadas cerca de 3,3 milhões de sacas (60kg) de café aos americanos, gerando US\$ 1,3 bilhão (MDIC, 2025). O mercado americano vinha absorvendo esse volume com tarifas insignificantes, tornando o Brasil um fornecedor crucial para os blends e produtos consumidos nos EUA.

A súbita imposição de 50% de tarifa, portanto, incide diretamente sobre uma fatia importante do comércio cafeeiro. Vale destacar que o consumo nos EUA é elevado, colocando o país como maior importador mundial do grão. Conforme dados do USDA (2025), o país consumiu 25,35 milhões de sacas de café em grão na safra 2024/25. Como a produção doméstica de café nos EUA é irrisória, praticamente todo o café consumido no país é importado. Essa dependência explica por que o tarifaço no café brasileiro é particularmente sensível: trata-se de um produto sem substituto interno em larga escala, cuja taxaço tende a repercutir tanto para exportadores brasileiros quanto para importadores e consumidores americanos.

4. Reação dos importadores americanos e do mercado global

A resposta inicial dos importadores de café nos EUA foi de apreensão e protesto. Muitos correram para antecipar embarques antes da vigência da tarifa, e, após 6 de agosto, passaram a postergar novos pedidos aguardando desdobramentos. Segundo o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil [Cecafé], ainda que cargas embarcadas até 6 de agosto e desembarcadas até 6 de outubro estejam isentas da sobretaxa, a mera perspectiva da tarifa de 50% levou compradores a adiarem importações futuras. Estoques privados nos EUA dão um alívio temporário – estima-se que as torrefadoras e indústrias americanas tenham café estocado para 30 a 60 dias de consumo, ganhando fôlego enquanto esperam negociações. No entanto, essa estratégia de

“compasso de espera” tem limite: prorrogar entregas gera prejuízo e pode sair caro para o setor. Cálculos do Cecafé indicam que adiar exportações por alguns meses implicaria perda de mais de US\$ 10 por saca para os exportadores brasileiros, sem contar custos adicionais de armazenagem e juros (CECAFE, 2025). Diante desse cenário, importadores americanos já buscam origens alternativas. Países como Vietnã, Colômbia, Indonésia e nações da América Central, todos grandes produtores, podem ganhar espaço para suprir parte da demanda dos EUA.

Outra peça no tabuleiro global é a China. O consumo chinês de café vem crescendo aceleradamente na última década, e o Brasil já havia ampliado suas vendas para lá (embora partindo de volumes modestos)⁴. No início de agosto, a China facilitou a entrada do café brasileiro anunciando que 183 empresas brasileiras adicionais estão autorizadas a exportar ao mercado chinês (CECAFE, 2025). Contudo, a China não pode absorver de imediato o espaço deixado pelos EUA: em 2024, os EUA importaram mais de 7,5 milhões de sacas brasileiras, ao passo que a China importou menos de 1 milhão (MDIC, 2025). Mesmo com potencial de crescimento, a demanda chinesa ainda é uma fração do mercado americano.

Em resumo, o tarifaço colocou o mercado global de café em estado de alerta. Há uma pressão significativa sobre o governo americano por parte de importadores e consumidores, dado o risco de alta de preços domésticos. Essa pressão é vista pelo setor brasileiro com otimismo cauteloso: acredita-se que poderá forçar alguma revisão ou flexibilização da tarifa nos próximos meses. Enquanto isso, empresas americanas administram estoques e diversificam fornecedores, e os exportadores brasileiros avaliam redirecionamentos de curto prazo para minimizar perdas.

⁴ Entre janeiro e julho de 2025, a China foi o destino das exportações de 558 mil sacas (60 kg) de café, ocupando a 11ª posição no ranking dos principais parceiros do Brasil (MDIC, 2025).

5. Perspectivas e recomendações

No curto prazo (próximos 1 a 3 meses), o setor de café brasileiro opera em um cenário de incerteza elevada, porém com alguns pontos de definição: os embarques aos EUA devem seguir reduzidos ou suspensos enquanto a tarifa estiver vigente, fazendo com que o mercado interno permaneça bem suprido. Isso tende a manter os preços domésticos de café relativamente comportados ou em queda moderada, o que é positivo para o consumidor brasileiro e para o combate à inflação de alimentos. Para os produtores e exportadores, contudo, margens podem ser pressionadas. Decisores empresariais devem preparar estratégias comerciais flexíveis, acompanhando de perto as cotações internacionais e prêmios de qualidade em outros destinos para aproveitar janelas de oportunidade de exportação fora dos EUA.

No médio prazo (próximos 6 a 12 meses), muito dependerá do desfecho das negociações com os Estados Unidos. Se o tarifaço for suspenso ou amenizado ainda em 2025 – cenário que ganha força caso a pressão de consumidores americanos aumente – o fluxo exportador pode se normalizar gradualmente a partir do final do ano, limitando as perdas acumuladas. Nesse caso, o Brasil precisará estar pronto para retomar os embarques rapidamente: manter a logística portuária ágil e estoques reguladores será essencial para responder à eventual retomada de pedidos dos EUA.

Por outro lado, se as tarifas de 50% persistirem por um período prolongado ou tornarem-se uma política permanente da atual gestão americana, o setor de café terá de se reestruturar estruturalmente. Isso inclui: diversificar permanentemente a carteira de clientes externos (fortalecendo laços com Europa, Ásia – especialmente com a China, que, embora não substitua o mercado americano de imediato, pode absorver volumes crescentes com o tempo); investir em diferenciação e valor agregado (por exemplo, exportação de café processado torrado/moído com marca brasileira, buscando margens maiores que compensem eventuais tarifas); e dialogar com o governo sobre políticas de suporte de longo prazo.

Em conclusão, a atual conjuntura do café no Brasil é marcada por resiliência e ação coordenada diante de um choque externo sem precedentes na história recente do setor. Os fundamentos de médio prazo – liderança do Brasil no mercado global, qualidade do produto e demanda internacional ascendente – permanecem favoráveis, mas o setor terá de navegar meses desafiadores. Aos tomadores de decisão, cabe continuar monitorando de perto indicadores-chave (exportações mensais, preços internos ao produtor e ao consumidor, níveis de estoque e reação dos EUA), ajustando as políticas de suporte conforme necessário.

Referências

Conselho dos Exportadores de Café do Brasil [CECAFE]. 2025. Relatório mensal de exportações – julho de 2025. Disponível em: <<https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/>>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Food and Agriculture Organization of the United Nations [FAOSTAT]. 2023. Rankings. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/countries_by_commodity>. Acesso em: 08 ago. 2025.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços [MDIC]. 2025. Comex Stat. Disponível em: <<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em: 27 ago. 2025.

U.S. Department of Agriculture [USDA]. 2025. Foreign Agricultural Service. Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data>>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Como citar:

ALCANTARA, Isabela Romanha de; HARBS, Ricardo. **Mercado de exportação de café do Brasil: panorama e perspectivas**. Nota Técnica CEAG | CENI, setembro 2025. Piracicaba: Instituto Pecege, 2025.